

CHACAL

Ricardo de Carvalho Duarte, que se tornou conhecido sob o pseudônimo de Chacal, é um dos integrantes da antologia *26 poetas hoje*, lançada em 1976. O livro de Heloisa Buarque de Hollanda divulgou de forma precursora a produção da Poesia Marginal surgida nos anos 70, quando no Brasil, sob ditadura militar, a “Lei do Cão vigorava”, como acicata o poeta. Nascido no Rio de Janeiro, em 1951, muito jovem viria a se tornar um dos “precursores”, “pais fundadores”, conforme Samira Youssef Campedelli, dessa vertente poética brasileira também designada como Geração Mimeógrafo.

Os *marginais* contribuíram com sua estética da deslitterarização para uma mudança da linguagem poética e uma captação hiperreal do cotidiano, que repercutiriam sobre a Geração de 80. Na contramão da ditadura e do sistema editorial, Chacal e seus companheiros procuraram se diferenciar ao mesmo tempo da literatura de esquerda, do Modernismo e das vanguardas, entre estas o concretismo, o Tropicalismo e o pós-Tropicalismo. Além disso, os *marginais* também emitiram sinais sobre o fim de grandes sistemas. Chacal provoca: “o pateta que há em mim/ não é como o esteta que há em ti/ cana a la kant”.

No relançamento de *Muito prazer*, em 1997, desta vez pela via formal de uma editora, Chacal faz o relato poético de como aparecem a primeira edição, de 1971, e também outros de seus escritos: “Comecei

a escrever por prazer e precisão./ Urgência de expressar toda viagem./ Necessidade/ de juntar o sentir com o dizer. Foi tentando esse/ ajuste que comecei a publicar. Como? Com o que/ tinha à mão: o mimeógrafo. De mão em mão, de/ boca em boca/(a poesia nunca esteve longe do meu corpo)/ a palavra correu, vazou, encorpou, cresceu”.

A recepção crítica à época da primeira edição de *Muito prazer*, como se pode ler no texto republicado, assinalou o descuido e o vocabulário e a sintaxe coloquiais como marcas da poesia de Chacal. Silviano Santiago relaciona tais características ao fato de que par a par caminham um projeto humano e um projeto artístico que se querem *marginais*. Por sua vez, outro poeta de grande atuação na Geração Mimeógrafo, Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos de Brito, mostra como o despojamento geral do livrinho de Chacal, mais a presença de traços de intimidade em seus poemas, facilitam a proximidade com o leitor. São apenas alguns exemplos de que houve um setor da crítica que percebeu na própria época as contribuições positivas da nova poesia, tanto no plano literário como da crítica social, de que é exemplar *20 anos recolhidos*: “chegou a hora de amar desesperadamente/apaixonadamente/ descontroladamente/ chegou a hora de mudar o estilo / de mudar o vestido/ chegou atrasada como um trem atrasado/ mas que chega”.

Em Chacal, a poesia se torna mais curta; é o *flash* e o registro bruto de episódios e sentimentos cotidianos, para usar uma apreciação de Hollanda. O deboche e a ironia se combinam para pôr em cheque o “sufoco”, a expressão da época para a atmosfera de repressão e de censura no país, como em *papo de índio*: “veiu uns ômi di saia preta/ cheiu di caixinha e pó branco/ qui eles disserum qui chamava açucrí/ aí eles falarum e nós fechamu a cara/ depois eles arrepitirum e nós fechamu o corpo/ aí eles insistirum e nós comemu eles”.

A reedição do primeiro livro de Chacal é comemorativa de seus vinte e cinco anos de atuação, período em que lançou também, entre outros, *Preço da passagem* (1972), *Quampérius* (1977), *Drops de abril* (1983) e *Letra Elétrica* (1994). Chacal tem se envolvido ainda com as atividades de editor do *Almanaque Biotônico Vitalidade* (1976/1977), publicado pelo grupo Nuvem Cigana; e de *O Carioca* (1996/1997); e de letrista, cronista, produtor, roteirista.

BIBLIOGRAFIA

CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Poesia marginal dos anos 70*. São Paulo: Scipione, 1995.

CHACAL. *Muito prazer*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Labor, 1976.

_____. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde:1960/1970*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1978.

(Néa Setúbal de Castro – UFPEL)

TORQUATO NETO

Torquato Pereira de Araújo Neto nasceu em Teresina, Piauí, Brasil, em 9 de novembro de 1944. Estudou o Primeiro Grau em Teresina e o Segundo Grau em Salvador, Bahia. Começou o curso de Jornalismo no Rio de Janeiro mas não o concluiu. Com bolsa de estudos viajou pela Espanha, Inglaterra, França, Holanda e Portugal. Participou do movimento do Tropicalismo, junto com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Capinam e outros.

O movimento teve grande repercussão no início dos anos 60 e dentre suas características destacam-se: linguagem pulverizada; aproximação de problemas cotidianos com os nacionais e internacionais; visão alegórica do País através dos contrastes arcaico/moderno, local/universal, urbano/agrário; recuperação do sentimento atávico; erudito e popular se fundindo através da música; discurso aparentemente desconexo; e, uma nova antropofagia, só que um tanto anárquica. Embora o movimento nunca tenha tido um manifesto, nem ninguém nunca se declarou seu líder ou idealizador, estudiosos de Torquato apontam para ele como o grande pensador da nova idéia, através de seus artigos. Ficou mais conhecido como letrista do que como cronista ou poeta.

As crônicas de Torquato tinham um toque de poesia e desencanto, escrevia-as para o jornal *Última Hora*, do Rio do Janeiro. Além das crônicas e de letras de música, escreveu poesia de grande qualidade.

Existia nela um experimentalismo que foi muito apreciado pelos poetas vanguardistas, especialmente os concretistas de São Paulo, que na época faziam um levantamento da situação da poesia no Brasil (década de 60), e o citaram como valor que despontava. A busca de um processo para o conhecimento do “Eu”, junto com a preocupação com o social e o mundo em que vivia eram seus temas favoritos, que ele abordava usando um ludismo com as palavras, quer por seus sons, quer por suas versatilidades semânticas.

Torquato tinha um comportamento agitado, descontente e de certa forma marginal, era muito preocupado com o social e com seu tempo. Estas suas características de espírito o levariam ao suicídio em 10 de novembro de 1970, no Rio de Janeiro. Seu único livro foi publicado postumamente, com o título de *Os últimos dias de paupéria*, teve introdução de Augusto de Campos e foi organizado por Waly Salomão.

OBRA DO AUTOR

Os últimos dias de paupéria (introdução de Augusto de Campos e organização de Waly Salomão), ed. póstuma, São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*, 1976.

BRASIL, Assis. *Dicionário da literatura brasileira*, 1979.

(Saulo Brandão – UFPE)

WALY SAILORMOON

Waly Sailormoon (Jequié/BA - 03/09/1943) - como preferia ser conhecido Waly Salomão no início dos anos 70 - é escritor, poeta e promotor cultural. O nome de Waly Sailormoon liga-se, de modo indissociável, ao movimento tropicalista e pós-tropicalista dos anos 60-70. Com forte influência da cultura pop internacional, da contracultura e do universo *underground*, o ambiente cultural em que surge a figura de Sailormoon é caracterizado pela postura de transgressão e de agressão, adotada por jovens, artistas e escritores da época.

Transgressão e agressão significam, nesse contexto, o culto à marginalidade urbana e o investimento na liberalização comportamental, a qual se refere tanto à atitude erótico-sexual quanto a novas formas de percepção e apreensão da realidade. Nisso, a experiência com drogas não se torna menos importante. A transgressividade foi compreendida, ao mesmo tempo, como um gesto alternativo e de negação às práticas de poder, sejam as oficialmente instituídas, sejam aquelas que visavam instituir alguma outra forma de poder, como, sobretudo, a luta revolucionária de esquerda e os correlatos ideológicos vinculados a ela.

No livro *Me segura que vou dar um troço* (1972), Waly Sailormoon explicita a necessidade do “fim do revolucionário neurótico”, pois “não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas sofridas por um velho comunista de 70 anos que leva a sério

um sonho frustrado de tomada de poder". Nesse sentido, *Me segura queu vou dar um troço* é uma obra bastante exemplar do período: ela revela como experiência estética e experiência de vida apresentam-se inseparáveis para esses jovens artistas. O livro de Sailormoon compõe-se de um amálgama variado de linguagem, que vai da provocação polêmica até o caráter afirmativo e doutrinário, algo semelhante aos manifestos das vanguardas modernistas do início do século, sem deixar de passar pela ironia, a piada, o pastiche e a crítica anárquica a diversas esferas do estabelecido e do acadêmico. Esse compósito estrutura-se como um jorro, uma montagem verbal ou, como diz o próprio autor-narrador, "uma escrita automática", a qual deixa entrever, em meio a atomização da experiência figurada, que o material da representação artística não se descola da vivência empírica do autor, como se representasse em sua escrita, simultaneamente, a si e a outro na condição de autor e artista. Assim, o caráter fragmentário e experimental da linguagem de *Me segura queu vou dar um troço* busca expressar *novas sensibilidades*, como diziam à época, traduzidas em novas formas de comportamento.

No forte caráter de intervenção cultural em diversas áreas que caracteriza essa geração, Waly Sailormoon, juntamente com o poeta Torquato Neto, organiza a revista *Navilouca*, uma das principais publicações do período entre tantas que haviam surgido, por diversas cidades do país, como *Pólem*, *Escrita* e *Almanaque Biotônico Vitalidade*. *Navilouca* abrigará textos de artistas diversos como Hélio Oiticica, Caetano Veloso, Rogério Duarte, Chacal, Jorge Salomão, Ivan Cardoso, Duda Machado, além de dar guarida aos poetas concretistas - os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. Com disposição gráfica e visual apurada e moderna, segundo Heloísa Buarque de Holanda, "*Navilouca* evidencia a atitude básica pós-tropicalista de mexer, brincar e introduzir elementos de resistência e desorganização nos canais legitimados do sistema". A desierarquização

do saber, do literário e dos valores tradicionais é o alvo da publicação, que tem na atitude experimentalista a pedra de toque, como escreve o próprio Waly Sailormoon: “Meu texto (...) deve ser visto do ponto de vista duma ordem menos impressiva, menos passiva, mais criadora – como experimentação de novas estruturas, novas formas de armação, como modo de composição não naturalista. Alargamento não-fictional da escritura”.

Waly também é um dos responsáveis pela organização das obras póstumas de Torquato Neto, *Últimos dias de paupéria*, e de Hélio Oiticica, *Aspiro ao grande labirinto*. No mesmo espectro de diversidade profissional, associada ainda à boa dose de positividade com que era vista, por essa geração, a intervenção nos meios de comunicação de massa, devem ser entendidas as inúmeras parcerias musicais de Waly Sailormoon, entre as quais se destacam, à época, Jards Macalé, Caetano Veloso e Gilberto Gil e, mais atualmente, Adriana Calcanhoto. Já nos anos 90, assinando como Waly Salomão, saem os livros de poesia *Algaravias* (1996) e *Lábia* (1998), sendo que o primeiro recebe os prêmios Alphonsus de Guimaraens, da Biblioteca Nacional, e Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Buscando agora aval de professores acadêmicos prestigiados que apresentam ou prefaciam as obras, a produção poética de Waly Salomão dos anos 90 retoma certos núcleos temáticos também presentes na produção anterior: a reflexão sobre a poesia, a temática da viagem e do tempo, a busca do lugar ou do não-lugar que ocupa o autor-poeta, o qual pretende “viver em mudança” num “universo em erosão vorticista”. O último texto de *Lábia* parece encerrar uma síntese do projeto literário mais recente do autor, que reafirma, na verdade, a atitude poética do passado: “Polinizações cruzadas entre o lido e o vivido. Entre a espontaneidade coloquial e o estranhamento pensado. Entre a confissão e o jogo. Entre o vivenciado e o inventado. Entre o propósito e

o instinto. Entre a demiúrgica lábia e as camadas superpostas do refletido". O poeta, em suma, procura "o ponto de liga alquímica" entre linguagem oral e linguagem escrita.

Obras do autor:

Me segura que eu vou dar um troço. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1972.

Gigolô de bibelôs. São Paulo: Brasiliense, 1983

Armarinho de miudezas. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1993

Algaravias. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

Lábia. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Bibliografia:

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical.* São Paulo: Ed. 34, 1997

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Impressões de viagem.* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal.* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Em busca do Brasil contemporâneo.* Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

RODRIGUES, Antonio Medina. *Waly Salomão e a lógica da pessoa.* In: SALOMÃO, Waly. *Algaravias.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

(Fernando C. Gil – UFPR)

NÚMERO 21

ENSAIOS

- **O lapso: uma terapia de bom humor**
Ivo Barbieri
- **Transgressive textualities, transgressive sexualities: Nelida Piñon's *A força do destino***
Laura J. Beard
- **A dança das luzes entre os mineiros**
Fábio Lucas
- **O espelho, o papagaio e o latim: o espaço da mistura entre Pero Vaz de Caminha e Macunaíma**
José Luiz Passos
- **Figuras negras nos escritos brasileiros do Período Colonial**
Jean Marcel Carvalho França

LITERATURA

- **Movimento sem fim**
Joyce Cavalccante

ENTREVISTA

- **Luiz Antonio de Assis Brasil:**
"A literatura é nosso modo privilegiado de pensamento"
Jerônimo Teixeira

ENSAIOS

- **Guimarães Rosa leitor de Euclides da Cunha**
Willi Bolle
- **Reading Clarice in the context of modern Latin American narrative: a comparative assessment**
Earl E. Fitz
- **Gender and/or ethics: Sérgio Sant'Anna and the politics of positionality**
Susan Canty Quinlan
- **Caio Fernando Abreu, theatre, and AIDS**
Severino J. Albuquerque
- **Discursos, instituições e histórias: entre a banca de jornal e o banco da escola**
Beth Brait

LITERATURA

- **Cantilenas**
Lara de Lemos
- **The round-eyed Japanese**
Zulmira Ribeiro Tavares
translated by Marguerite I. Harrison
- **The little men from Grork and Confessions**
Luis Fernando Verissimo
translated by Jon S. Vincent

ENTREVISTA

- **Tania Jamardo Faillace: às vezes é preciso indignação**
Vera Regina Morganti

NÚMERO 19

ENSAIOS

- **Uma cidade, dois autores**
Walnice Nogueira Galvão
 - **A cidade e o deserto: (des)caminhos urbanos**
no *Grande Sertão*
Ettore Finazzi-Agrò
 - **A questão regional e a construção da nação brasileira**
Maria Teresa Miceli Kerbaux
 - **Gilka Machado: precursor in a "subterranean tradition"**
Billie Maciunas
 - **"Novo no velho": a tradição na poesia concreta**
Florença Garramuño
-

LITERATURA

- **De Caderno Quase**
Edimilson de Almeida Pereira
 - **The Grammarian**
Monteiro Lobato
-

ENTREVISTA

- **Edimilson de Almeida Pereira: Com modos e truques de ouvir**
Maria José Somerlate Barbosa

ENSAIOS

- **"Rose is a rose is a rose is a rose" as poem: Stein, Hemingway, and Augusto de Campos**
George Monteiro
- **O percurso erótico da poesia de Adélia Prado**
Rita Olivieri
- **Ecologist and ecofeminist awareness in *Água viva*: a Brazilian woman rereading nature**
Cristina Sáenz de Tejada
- **A transgressão poética em *Primeiras estórias*: ou "uma história inventada no feliz"**
Teresa Cristina Cerdeira da Silva

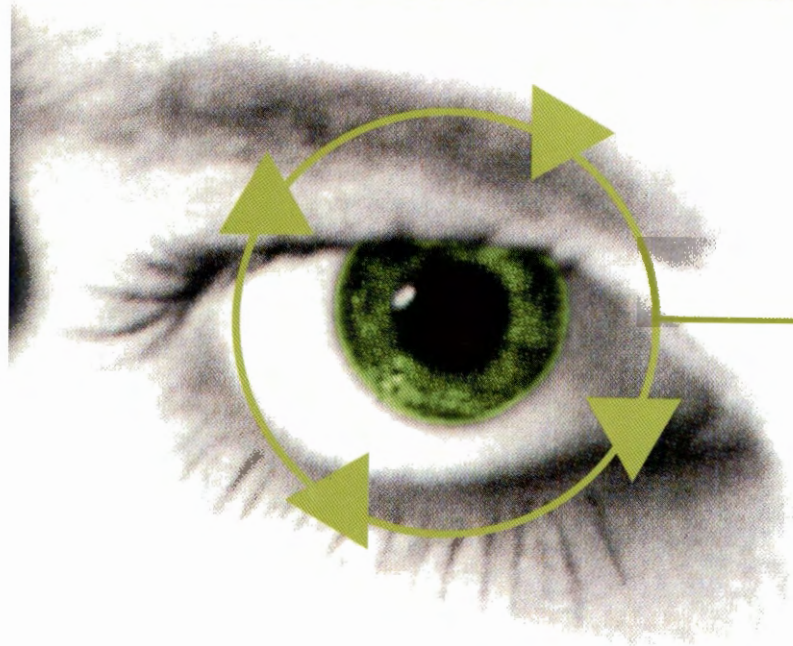
LITERATURA

- **Parallels**
Erico Verissimo

ENTREVISTA

- **Nélida Piñon: imaginário e arte na *República dos sonhos* e na Academia**
Patrícia Sobral

Fique de olho no conhecimento



Adquira publicações EDIPUCRS



Publicando Conhecimento